


**MAPEAMENTO SISTEMÁTICO DA LITERATURA SOBRE O SER JOVEM
TRANSGÊNERO NO ENSINO SUPERIOR (2012-2024)**

**SYSTEMATIC MAPPING OF THE LITERATURE ON TRANSGENDER YOUTH
IN HIGHER EDUCATION (2012-2024)**

**MAPEO SISTEMÁTICO DE LA LITERATURA SOBRE JÓVENES
TRANSGÉNERO EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR (2012-2024)**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n12-016>

Data de submissão: 03/11/2025

Data de publicação: 03/12/2025

Josy Gomes da Silva¹

Mestranda em Educação

Instituição: Universidade Federal do Piauí (UFPI)

E-mail: josymestrado@gmail.com

Shara Jane Holanda Costa Adad

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal do Piauí (UFPI)

E-mail: shara_pi@hotmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta resultado de pesquisa cujo objetivo foi mapear a literatura dos últimos dez anos, de modo a identificar avanços e lacunas nas pesquisas sobre o acesso, acolhimento e permanência de jovens transvestigêneros em instituições de ensino superior. Para tal, fez-se uso do Mapeamento Sistemático da Literatura (MSL), metodologia que organiza e categoriza o conhecimento existente sobre um dado tema. A busca foi realizada em bases de dados, repositórios institucionais, arquivos físicos e revistas científicas, fazendo uso de critérios de inclusão, em que foram selecionados estudos publicados entre os anos de 2012 e 2024, em português, e disponibilizados na íntegra. Os dados foram analisados e categorizados seguindo os pontos convergentes observados nos estudos selecionados. Os resultados apontaram avanços, como a utilização do nome social e adoção de políticas afirmativas, além disso, destacaram lacunas significativas, mormente na implementação de estratégias de acolhimento para enfrentar a transfobia. Evidenciaram, também, a necessidade de pesquisas com maior abordagem interseccional e utilização de metodologias inovadoras, a exemplo da Sociopoética. Conclui-se que é urgente ampliar políticas públicas inclusivas, bem como promover práticas institucionais que promovam a permanência estudantil, consolidando o ensino superior como um espaço acolhedor e plural.

Palavras-chave: Sociopoética. Acesso e Permanência. Diversidade.

ABSTRACT

This article presents the results of research aimed at mapping the literature of the last ten years in order to identify advances and gaps in research on the access, inclusion, and retention of transgender youth in higher education institutions. To this end, Systematic Literature Mapping (SLM) was used, a methodology that organizes and categorizes existing knowledge on a given topic. The search was

¹ Nome social de José Gomes da Silva Filho.

conducted in databases, institutional repositories, physical archives, and scientific journals, using inclusion criteria, selecting studies published between 2012 and 2024, in Portuguese, and available in full. The data were analyzed and categorized according to the convergent points observed in the selected studies. The results indicated advances, such as the use of social names and the adoption of affirmative action policies; however, they also highlighted significant gaps, particularly in the implementation of support strategies to address transphobia. They also highlighted the need for research with a more intersectional approach and the use of innovative methodologies, such as Sociopoetics. It is concluded that it is urgent to expand inclusive public policies, as well as to promote institutional practices that foster student retention, consolidating higher education as a welcoming and plural space.

Keywords: Sociopoetics. Access and Retention. Diversity.

RESUMEN

Este artículo presenta los resultados de una investigación que tuvo como objetivo mapear la literatura de los últimos diez años para identificar avances y brechas en la investigación sobre el acceso, la inclusión y la retención de jóvenes transgénero en instituciones de educación superior. Para ello, se utilizó el Mapeo Sistemático de la Literatura (MSL), una metodología que organiza y categoriza el conocimiento existente sobre un tema determinado. La búsqueda se realizó en bases de datos, repositorios institucionales, archivos físicos y revistas científicas, utilizando criterios de inclusión, seleccionando estudios publicados entre 2012 y 2024, en portugués, y disponibles en su totalidad. Los datos se analizaron y categorizaron según los puntos convergentes observados en los estudios seleccionados. Los resultados indicaron avances, como el uso de nombres sociales y la adopción de políticas de acción afirmativa; sin embargo, también destacaron brechas significativas, particularmente en la implementación de estrategias de apoyo para abordar la transfobia. También destacaron la necesidad de investigación con un enfoque más interseccional y el uso de metodologías innovadoras, como la Sociopoética. Se concluye que es urgente ampliar políticas públicas inclusivas, así como promover prácticas institucionales que fomenten la retención estudiantil, consolidando la educación superior como un espacio acogedor y plural.

Palabras clave: Sociopoética. Acceso y Retención. Diversidad.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado do trabalho final da disciplina Tópicos Especiais em Educação II - Educação, Juventudes, Interseccionalidades e Diversidades, cursada no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), durante o mestrado. Emerge enquanto um esforço para aprofundar reflexões sobre as experiências e desafios vividos, no ensino superior do Brasil, por jovens transvestigêneres (termo cunhado pela estudiosa Indianara Siqueira como aglutinação das palavras travesti, transexual e transgênera). Num contexto social assinalado por significativas desigualdades e violências estruturais, este trabalho busca lançar luz na direção de uma parcela da população cuja existência ainda é pouco reconhecida e, muitas vezes, apagada e silenciada nas instituições acadêmicas.

Segundo dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), somos apenas 0,02% do total de estudantes que se encontram no ensino superior brasileiro. Também me incluo, por ser mulher transtravesti e estar mestranda em Educação na UFPI. Esse tímido dado reflete as barreiras históricas por nós enfrentadas para o acesso e permanência em espaços educacionais. Além disso, a ANTRA chama a atenção para o fato de que o Brasil segue na liderança dos assassinatos de pessoas trans e travestis no mundo, sendo as jovens também alvo dessa violência. A marginalização dessas vidas é agravada pelos marcadores interseccionais de raça, regionalidade e classe, demandando debates urgentes acerca das responsabilidades sociais e institucionais quanto ao combate da transfobia e à promoção de inclusão (Antra, 2020; Benevides, 2024).

Percebemos que, embora existam avanços no âmbito educacional, como a efetivação do uso do nome social e a implementação de ações afirmativas, a exemplo das cotas, essas medidas são insuficientes para a superação das violências simbólicas e estruturais ainda enfrentadas por essas jovens pessoas. Nesse sentido, entendemos que a ausência de políticas públicas mais robustas e a falta de acolhimento nas universidades oxigenam a exclusão, o que desafia as bases de uma educação universitária plural e inclusiva (Pereira; Sartori, 2024; Lima, 2021b).

Outro aspecto expressivo relaciona-se à escassa produção acadêmica a respeito do tema. Apesar de os estudos existentes indicarem contribuições significativas, persistem lacunas importantes a serem observadas, especialmente no que tange à interseccionalidade e à análise das vivências dessas jovens em suas múltiplas dimensões sociais (Brito, 2016).

Diante disso, o presente artigo objetiva mapear a literatura dos últimos dez anos (2012-2024), a fim de identificar avanços e lacunas nas pesquisas sobre jovens transvestigêneres no ensino superior. Com este estudo, esperamos contribuir para o fortalecimento de políticas e práticas que promovam a presença, o acolhimento e a permanência dessas jovens no ensino universitário.

2 METODOLOGIA

O Mapeamento Sistemático da Literatura (MSL) é uma técnica de pesquisa com estruturação sistemática, cujo intuito é mapear e categorizar os conhecimentos publicados sobre um tema específico, permitindo a identificação de lacunas e tendências na literatura. O MSL é oriundo de áreas como a Engenharia de Software e foi adaptado para a Educação. Essa técnica oferece uma base significativa para a elaboração de hipóteses e a realização de pesquisas futuras. Além disso, deve-se salientar que, através do princípio da abdução, relaciona fatos e hipóteses de forma sistemática, o que requer uma análise aprofundada e categorizada de um tema de investigação (Rocha; Nascimento; Nascimento, 2018).

Tal metodologia apresenta-se como essencial no âmbito acadêmico, especialmente nas pesquisas de mestrado e doutorado, posto que proporciona qualidade, validade e originalidade às investigações realizadas sob o seu prisma. Portanto, é recomendável às pessoas pesquisadoras que buscam resultados sólidos e bem fundamentados em suas pesquisas (Rocha; Nascimento; Nascimento, 2018).

Um dos pontos fortes do MSL é a capacidade de apontar lacunas na literatura. Ao realizar um estudo sistemático, as pesquisadoras revelam áreas mapeadas que ainda não foram investigadas. Esse procedimento é crucial para direcionar as pesquisas, de modo que atendam às necessidades do campo científico e tragam inovações relevantes (Rocha; Nascimento; Nascimento, 2018).

Além disso, o MSL permite uma maior compreensão daquilo que se coloca como objeto de investigação. Ao sistematizar as fontes, é possível organizar e categorizar os dados coletados, de forma a alcançar uma visão ampla do que se deseja investigar. Essa perspectiva não apenas enriquece a compreensão teórica, como também adequa a junção entre distintas fontes e diversas perspectivas sobre uma realidade, o que torna a argumentação mais fundamentada e respalda o desenvolvimento das análises (Rocha; Nascimento; Nascimento, 2018).

Outro aspecto relevante a ser destacado é a confiabilidade e replicabilidade dos estudos realizados. Nesse sentido, a aplicação de uma metodologia como o MSL garante a transparência nas etapas da investigação, fornecendo suporte para a apresentação dos resultados alcançados. Logo, não só a pesquisa realizada é válida em termos de rigorosidade metódica, mas também permite que outras pesquisadoras repliquem ou ampliem o estudo.

O MSL pode ser dividido em seis etapas: 1) formulação da questão de pesquisa, 2) busca sistemática de estudos, 3) seleção do corpus de análise, 4) análise, 5) síntese, 6) elaboração de relatório e divulgação do MSL. Na primeira etapa, é necessário estabelecer a questão de pesquisa que guiará o

mapeamento. Nesta pesquisa, delimitamos a seguinte: O que diz a literatura sobre o ser jovem transvestigênera no ensino superior?

Depois disso, são estabelecidos critérios para subsidiar a busca sistemática, de modo que se possa incluir ou excluir os materiais a serem analisados. Como critérios de inclusão, elencamos: artigos, teses e dissertações escritos em português e publicados entre 2012 a 2024, disponíveis na íntegra, e que tratassem sobre o ser jovem transvestigênera no ensino superior. Os critérios para exclusão foram: artigos, teses e dissertações não escritos em português e não publicados entre 2012 a 2024, não disponíveis para consulta e que não tratassem sobre o ser jovem transvestigênera no ensino superior.

Além disso, é necessário eleger as bases de buscas e as palavras-chave e os operadores booleanos que operacionalizam a busca. Acerca disso, elegemos as seguintes bases: Scielo - Brasil, o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, o acervo do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania (NEPEGECEI)/UFPI e do Observatório das Infâncias e Juventudes na Educação (OBIJUVE)/UFPI, o Repositório Institucional da UFPI, o Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto - Oasisbr e as revistas: Revista Bagoas - Estudos Gays, Gênero & Sexualidades, Revista Linguagens, Educação e Sociedade (LES)/UFPI, Revista Estudos Feministas e Revista Diversidade e Educação.

Como palavras-chave e operadores booleanos: Scielo - Brasil: jovens *and* trans *and* travestis *and* ensino superior; Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES: trans e ensino superior; travestis *and* ensino superior; Acervo do NEPEGECEI/UFPI e do OBIJUVE/UFPI: consulta física; Repositório Institucional da UFPI: jovens trans *and* jovens travestis *and* ensino superior; Oasisbr: trans *and* travestis *and* ensino superior; Revista Bagoas - Estudos Gays, Gênero & Sexualidades: jovens; trans; travestis; ensino superior (busca individual de cada palavra); Revista LES/UFPI: trans; travestis; ensino superior (busca individual de cada palavra); Revista Estudos Feministas: jovens; trans; travestis; ensino superior (busca individual de cada palavra) e Revista Diversidade e Educação: jovens; trans; travestis; ensino superior (busca individual de cada palavra).

Após organizado o protocolo da pesquisa, é chegado o momento de realizar o levantamento dos dados, isto é, a aplicação prática do protocolo elaborado. A pesquisa foi realizada durante todo o mês de novembro de 2024, cujos trabalhos foram previamente selecionados mediante a leitura de títulos e resumos. Os que se enquadraram nos critérios de inclusão foram arquivados em pastas no computador da pesquisadora e os dados de cada trabalho (ano, autores, objetivos e resultados) foram organizados em tabelas. Em seguida, fizemos a análise e síntese do *cópus* de análise, e, por último, o relatório que originou este artigo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a busca seguindo os critérios antes mencionados, na base Scielo - Brasil não foi retornado nenhum artigo. Na Revista Linguagens, Educação e Sociedade (LES)/UFPI, apenas um trabalho foi retornado, porém, não correspondia aos critérios e ao tema investigado. Na Revista Estudos Feministas, nenhum artigo foi selecionado, pois não contemplaram os critérios e o tema pesquisado. Na Revista Bagoas - Estudos Gays, Gênero & Sexualidades foi selecionado **1 artigo**, por corresponder ao tema em estudo e aos critérios de inclusão e exclusão. Já na Revista Diversidade e Educação, foram selecionados **5 artigos**. No Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto - Oasisbr, **3 artigos** foram selecionados.

Quanto ao Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, foram retornados 27 trabalhos, dentre os quais selecionamos **6** deles, por corresponderem aos critérios e temática estudada, sendo 3 dissertações e 3 teses. Na consulta física ao acervo do NEPEGECEI/UFPI e do OBIJUVE/UFPI, foi selecionada **1 tese**, posto que correspondia aos critérios e à temática em estudo. No Repositório Institucional da UFPI foi identificada **1 tese**. No Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto - Oasisbr, a busca retornou 34 trabalhos, porém, foram selecionados **17**, sendo 6 teses e 11 dissertações.

No total, foram selecionados 34 trabalhos, sendo 9 artigos, 11 teses e 14 dissertações, os quais passamos a apresentar a seguir. A Tabelas 1 apresenta dados dos artigos analisados.

Tabela 1. Artigos (2024-2017)

Ano	Autor(es)	Objetivo	Resultados encontrados
2024	Emanuela Carolina Petry Gomes	Identificar os motivos da sub-representação de pessoas trans/travestis no ensino superior, na Universidade Federal de Taquari.	Barreiras incluem preconceito institucional e falta de inclusão. Banheiros sem gênero e nomes sociais ajudam, mas não resolvem todos os problemas.
2024	Bruno Gomes Pereira e Thiago Luiz Sartori	Investigar casos de violência transfóbica em universidades brasileiras.	Falta de políticas públicas eficazes agravam a violência e comprometem a permanência no ensino superior.
2023	Bruno Gomes Pereira e Thiago Luiz Sartori	Analisar os efeitos da suspensão de cotas para pessoas trans no ensino superior.	Evidência de silenciamento e preconceito heteronormativo em políticas educacionais, reforçando exclusões estruturais.
2022	Pedro Paulo Souza Rios	Refletir sobre a trajetória acadêmica de uma mulher trans e as políticas de cotas na Universidade do Estado da Bahia.	Políticas de cotas são essenciais, mas é necessário reestruturar currículos da graduação para abordar gênero e diversidade sexual.

2022	Tiago Duque	Analisar as ações do grupo “Impróprias” no campo da educação em Mato Grosso do Sul.	Experiências disruptivas desenvolvidas para novas perspectivas sobre gênero e diferenças em contextos educacionais.
2021b	Alef de Oliveira Lima	Analisar o conceito de ignorância cisheteronormativa.	Identificou um “conhecimento ignorante” das pessoas cis que reforça preconceitos e transfobia em espaços sociais e educacionais.
2021	Apolônia Ferreira Silva, Cibelle Cristina Lopes e Silva e Roney Polato de Castro	Analisar processos formativos de gênero e sexualidade no ensino superior.	Processos formativos constroem e tensionam subjetividades e pertencimento.
2020	Anderson Ferrari, Carolina Bezerra e Roney Polato de Castro	Estudar a campanha “Libera Meu Xixi” e seus impactos na inclusão de pessoas trans na Universidade Federal de Juiz de Fora.	O debate sobre o uso de banheiros por pessoas trans destaca a necessidade de desnaturalizar normas cis-heteronormativas.
2017	Luis Felipe Hatje	Relatar a experiência de formação do grupo “Transformando Vidas” em Rio Grande/RS.	Grupo promove apoio, visibilidade e superação de obstáculos sociais e acadêmicos para pessoas trans.

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Observamos que os artigos abrangem uma produção acadêmica entre os anos de 2024 a 2017, cujos temas abordados relacionam-se aos desafios, às políticas institucionais e narrativas de resistência no ensino superior. As Tabelas 2 e 3 apresentam a síntese das teses e dissertações selecionadas.

Tabela 2. Teses (2024-2017)

Ano	Autor(es)	Objetivo	Resultados encontrados	Programa de Pós-Graduação	Região (Cidade)
2024	Juh Círico	Analisar as vivências de pessoas trans e travestis em ambientes acadêmicos e organizacionais na contabilidade brasileira.	Experiências revelam exclusão por transfobia estrutural. Passabilidade cisgênera é usada como estratégia de sobrevivência. Sugere-se ampliar políticas inclusivas e desconstruir comportamentos opressores.	Ciências Contábeis (UFU)	Sudeste (Uberlândia)
2023	Letícia Carolina Pereira do Nascimento	Explorar modos de educar entre jovens transvestigêneres em universidades públicas.	Jovens transvestigêneres criam estratégias de resistência e permanência, desafiando preconceitos institucionais.	Educação (UFPI)	Nordeste (Teresina)
2023	Tatiane da Silva Lima	Analisar estratégias para democratizar o acesso de transexuais e travestis ao ensino superior (2003–2016).	Medidas afirmativas são avanços importantes para que transexuais e travestis acessem o ensino superior, mas não são suficientes.	Educação (UFMS)	Centro-Oeste (Campo Grande)

2023	Jessyca Barbosa Duarte	Compreender o significado do acesso ao ensino superior para travestis e pessoas transgêneras vinculadas ao programa Transpassando.	A presença de pessoas trans no ensino superior promove debates e transformação cultural. Ações afirmativas são insuficientes e os desafios do ambiente universitário persistem.	Educação (UFC)	Nordeste (Fortaleza)
2021a	Alef de Oliveira Lima	Investigar a construção de identidades políticas em coletivos e programas de extensão.	Coletivos são agentes de aprendizagem política, enfrentam transfobia e promovem dignidade.	Antropologia Social (UFRGS)	Sul (Porto Alegre)
2020	Marlyson Junio Alvarenga Pereira	Analisar a emergência de políticas públicas para inserção de mulheres trans em universidades públicas.	A inclusão nas universidades reflete tensões sociais e institucionais, mas promove avanços no reconhecimento das subjetividades trans.	Ciências Sociais (UNESP)	Sudeste (São Paulo)
2020	Adelaine Ellis Carbonar dos Santos	Evidenciar como as vivências acadêmicas de homens trans no Sul do Brasil constituem múltiplas espacialidades.	Vivências acadêmicas desestabilizam normas hegemônicas e produzem novos arranjos espaciais. Espaços educacionais são marcados por (cis)heteronormatividade.	Geografia (UEPG)	Sul (Ponta Grossa)
2020	André Lucas Guerreiro Oliveira	Compreender as relações de acesso e permanência de homens trans no ensino superior.	Estar no ensino superior possibilita novas existências, mas a transfobia estrutural persiste. Homens trans ajudam a tornar ambientes mais acolhedores.	Educação (UFPR)	Sul (Curitiba)
2019	Izaque Machado Ribeiro	Examinar narrativas e trajetórias de pessoas trans na educação, com ênfase no ensino superior.	Trajetórias revelam espaços inabitáveis, estratégias de resistência e iniquidades persistentes.	Educação (UFSC)	Sul (Florianópolis)
2018	Valdenia Pinto de Sampaio Araújo	Analisar os processos de aprendizagem de pessoas travestis na UFPI, considerando resistência e exclusão no ensino superior.	A resistência de pessoas travestis desafia práticas educacionais heterocisnormativas. Necessidade de reinventar currículos e ações institucionais.	Educação (UFPI)	Nordeste (Teresina)
2017	Crishna Mirella de Andrade Correa	Acompanhar trajetórias de pessoas trans no uso do nome social em duas universidades públicas, na Universidade Estadual de Maringá e Universidade Federal de Santa Catarina	O nome social é uma conquista simbólica, mas insuficiente para superar a precarização da cidadania trans.	Ciências Humanas (UFSC)	Sul (Florianópolis)

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Tabela 3. Dissertações (2023-2016)

Ano	Autor(es)	Objetivo	Resultados encontrados	Programa de Pós-Graduação	Região (Cidade)
2023	Leandro Andrade Henriques	Investigar experiências de acesso e permanência de um estudante trans na Universidade Federal de Ouro Preto.	Políticas de permanência insuficientes. A transfobia institucional persiste.	Educação (UFOP)	Sudeste (Ouro Preto)
2023	Charlie Bellow de Oliveira Pimentel Silva	Analisar as dificuldades de permanência de pessoas trans no ensino superior e as ferramentas de enfrentamento utilizadas.	Pessoas trans enfrentam desafios estruturais para permanência. Estratégias de resistência incluem coletivos e redes de apoio.	Psicologia (UFAL)	Nordeste (Maceió)
2022	Edna Carvalho da Silva	Analisar permanência e afirmação de identidade de gênero de estudantes trans na Universidade Federal do Paraná.	Frente à transfobia, constatou-se falta de apoio institucional e dificuldade de permanência. São propostas estratégias para o enfrentamento das violências sofridas por estudantes trans na Universidade Federal do Paraná.	Educação (UFPR)	Sul (Curitiba)
2022	Rosilaine Cristina Silva	Problematicar vivências de travestis e transexuais na Universidade Federal de Uberlândia.	As políticas afirmativas são um avanço, mas a transfobia persiste em várias dimensões.	Educação (UFU)	Sudeste (Uberlândia)
2021	Samuel Moreira de Araújo	Analisar vivências escolares de homens trans do Ensino Básico ao Superior.	Experiências marcadas por preconceito; necessidade de ampliação de masculinidades no ambiente educacional.	Educação (UFJF)	Sudeste (Juiz de Fora)
2020	Karen Susan Silva Pitinga da Rosa	Analisar políticas públicas de inclusão e permanência de pessoas trans na Universidade Federal da Integração Latino-Americana.	Práticas transfóbicas ainda permeiam o ambiente acadêmico, apesar de avanços.	Humanidades (USP)	Sudeste (São Paulo)
2020	Sara Wagner York	Discutir o impacto do acesso e permanência de pessoas trans na pós-graduação strictu sensu.	Políticas de cotas possibilitam inclusão, mas enfrentam limites e resistências.	Educação (UERJ)	Sudeste (Rio de Janeiro)
2020	Luana Fonseca Pereira Ribeiro	Avaliar as políticas de acesso e permanência de pessoas trans na Universidade Federal	Políticas existentes são insuficientes para garantir permanência. Sugere-se um	Gestão e Avaliação da Educação Pública (UFJF)	Sudeste (Juiz de Fora)

		de Juiz de Fora e propor melhorias.	plano de ação educacional para aprimoramento.		
2020	Ítalo Pereira Barcellos Neto	Investigar a inserção e permanência de pessoas trans nas instituições públicas de ensino superior no litoral do Paraná.	Políticas afirmativas existem, mas são pouco eficazes na transformação das violências transfóbicas.	Ciência, Tecnologia e Sociedade (IFPR)	Sul (Paraná)
2019	Emily Mel Fernandes de Souza	Compreender as políticas de acesso e permanência de pessoas trans nas instituições públicas de ensino superior do Rio Grande do Norte.	Presença marcada por fissuras, demandas e transformações.	Psicologia (UFRN)	Nordeste (Natal)
2018	Priscilla de Souza Nascimento	Analisar vivências de travestis e transexuais na Universidade Federal Fluminense quanto ao acesso e permanência.	Estigma e dificuldades no uso do nome social e banheiros, mas existem avanços em direitos básicos.	Administração Pública (UFF)	Sudeste (Niterói)
2017	Fausto Delphino Scote	Investigar desafios de acesso e permanência de pessoas trans no ensino superior.	As conquistas do movimento trans facilitaram o acesso, mas a permanência ainda enfrenta barreiras significativas.	Educação (UFSCar)	Sudeste (São Carlos)
2016	Camila Pina Brito	Compreender como transfobia e racismo impactam vivências de mulheres trans negras na educação.	A transfobia e o racismo estrutural persistem, dificultando experiências educacionais e sociais.	Relações Étnicas (UESB)	Nordeste (Vitória da Conquista)
2016	Roberta Polak	Investigar vivências de pessoas trans até o ensino superior.	Trajetórias marcadas por sofrimento, exclusão e silenciamento.	Desenvolvimento Comunitário (UNICENTRO)	Sul (Guarapuava)

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Quanto às teses e dissertações, a produção situa-se entre 2016 e 2024. Observamos que as regiões sudeste e sul concentram a maior parte dos trabalhos e os Programas de Pós-Graduação com maior produção são os do campo da Educação.

As pesquisas indicam que a transfobia continua sendo um dos maiores obstáculos, afetando tanto o acesso como a permanência de pessoas transvestigêneres no ensino superior, além disso, as políticas afirmativas são necessárias, no entanto, ainda insuficientes, pois não apresentam suporte institucional mais abrangente que envolva redes de apoio, currículos inclusivos e formação antitransfóbica.

Apesar disso, os estudos apontam que as narrativas de si e redes de apoio são estratégias de resistência que desafiam aos padrões cisnormativos e criam outros espaços de pertencimento e subjetividade para as pessoas transvestigêneres no ensino superior.

3.1 APROXIMAÇÕES ENTRE AS PUBLICAÇÕES

Os trabalhos selecionados revelam um panorama multifacetado de desafios, experiências e avanços quanto à presença de pessoas transvestigêneres no ensino superior. Aproximar esses trabalhos e organizá-los em categorias evidencia as principais questões emergentes e os movimentos que delineiam essa realidade. A seguir, apresentamos essas categorias.

- **Barreiras estruturais e a transfobia**

Observamos que uma das categorias mais recorrentes nos estudos é a identificação de barreiras estruturais que dificultam o ingresso e a permanência de pessoas transvestigêneres no ensino superior. Silva (2022) analisou o acesso e a permanência de estudantes travestis e transexuais em cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia e identificou as seguintes problemáticas que dificultam a permanência: problemas financeiros, necessidade de conciliar trabalho e estudo, barreiras burocráticas no uso do nome social e vivências transfóbicas, sejam físicas, simbólicas, sejam psicológicas.

Já Araújo (2021), ao estudar vivências escolares de homens trans matriculados no ensino superior, evidencia dificuldades na utilização de banheiros e do nome social, refletindo enquadramento às normas hegemônicas de masculinidade e a padrões heteronormativos. Além disso, foram observadas barreiras na família e no mercado de trabalho formal.

A tese de Correa (2017) trata da regulamentação da utilização do nome social em universidades públicas brasileiras. Foi observado que a escolha do novo nome é orientada pelas especificidades de transfeminilidade e transmasculinidade. Embora represente uma vitória dos movimentos sociais e um mecanismo de resistência institucional, a utilização do nome social denota a precarização da cidadania e marginalização da população trans quanto aos seus direitos civis. Para que as regulamentações existam, é imperiosa a participação em grupos de pesquisa e a existência de pessoas trans no interior das universidades.

Santos (2020) estudou como são as vivências de homens trans em universidades no sul do Brasil, e constatou que os espaços acadêmicos são atravessados pela (cis)heteronormatividade, requerendo que esses homens trans desenvolvam táticas de permanência para enfrentar as estruturas de poder que permeiam esses espaços.

O estudo de Círico (2024) aponta que as exclusões de pessoas trans e travestis em espaços acadêmicos e organizacionais, sobretudo, no campo da Contabilidade, se deve à transfobia e à cisnormatividade. Foi observada a prevalência de experiências negativas marcadas pela exclusão, em que a passabilidade cisgênera, isto é, a capacidade de uma pessoa transvestigênera ser reconhecida como pertencente ao gênero com o qual se identifica, mediante a correspondência de comportamentos e padrões normativos de aparência, é uma estratégia de sobrevivência utilizada.

A dissertação de Brito (2016) investigou como a transfobia e o racismo impactam as vivências de mulheres trans negras no ensino superior, sendo observado que a cisnormatividade branca ainda controla quem se posiciona contra as normas e são poucas as linhas de fuga, dentre elas, a família e os afetos de alguns amigos, docentes e funcionários, participação em coletivos e as resistências teóricas.

Gomes (2024) estudou a baixa presença de pessoas trans e travestis no ensino superior, sobretudo, na Universidade do Vale do Taquari. O preconceito institucional e social junto à falta de inclusão são barreiras significativas para o acesso e a permanência na universidade. Apesar disso, banheiros sem gênero e o uso do nome social são avanços, mas ainda insuficientes para contornar todas as barreiras.

Pereira e Sartori (2024) estudaram as violências transfóbicas vivenciadas por estudantes transexuais e travestis cotistas de uma instituição de ensino superior da região metropolitana de São Paulo, e identificaram que, de fato, as cotas facilitam o acesso ao ensino superior, entretanto, as políticas públicas educacionais precisam ser revistas, sobretudo no enfrentamento da transfobia, que dificulta a permanência.

Lima (2021b) propõe pensar o conceito de ignorância cisheteronormativa para analisar e combater a tentativa de apagamento de pessoas trans. Os resultados revelam um conhecimento ignorante por parte das pessoas cis, refletindo um processo político e epistemológico de instrumentalização, o que tem contribuído não só para o cometimento de erros para com pessoas trans, mas também para a insistência de perpetuação desses erros.

- **Políticas de acesso e permanência**

Outra categoria surge, a das políticas de inclusão. Embora necessárias, enfrentam desafios no que tange à sua implementação. Silva (2022), ao analisar as violências enfrentadas por estudantes trans na Universidade Federal do Paraná, afirma a necessidade de priorização da saúde mental, a necessidade de organização de palestras e debates, assim como a desmistificação de preconceitos. A autora propõe estratégias institucionais para promover a ocupação e o respeito aos direitos humanos de pessoas trans, a fim de criar um ambiente universitário acolhedor e inclusivo. Analogamente,

Ribeiro (2020) faz uma análise de programas, ações e políticas externas para estudantes trans da Universidade Federal de Juiz de Fora e propõe um plano de ação educacional.

Na tese de Pereira (2020), é analisada a necessidade de políticas públicas e governamentais para que mulheres trans tenham acesso ao ensino superior, enfatizando o papel das universidades, do movimento social de travestis e mulheres transexuais e das mulheres trans. A partir de entrevistas com mulheres trans, o autor destaca que a universidade é um espaço de possibilidades de questionamentos críticos entre teoria e prática. Conceitos como gênero e sexualidade passam a ser entendidos enquanto construções sociais, levando à criação de novas teorias e subjetividades.

York (2020), ao abordar as cotas para pessoas trans e travestis nos programas de pós-graduação, constata que as nossas presenças criam pedagogias e estéticas da existência, confrontando processos de subjetivação e a violência estrutural que atravessa nossas vidas.

Lima (2023) investiga as estratégias articuladas pelo Estado, universidades federais e movimentos sociais para promoverem o acesso de pessoas trans e travestis no ensino superior brasileiro entre 2003 a 2016. A autora detectou que, apesar da promoção de visibilidade positiva, cursinhos trans, pesquisas quantitativas, regulamentação do uso do nome social no ENEM e cotas públicas em universidades colaborarem para o reconhecimento das identidades trans e para a democratização do acesso ao ensino público, essas medidas não incluem nem beneficiam a todas as pessoas e não transformam as condições desiguais de acesso.

Em seu estudo, Nascimento (2023) identificou que, nas duas universidades públicas de Teresina-PI, houve avanços relacionados ao direito ao uso do nome social. Contudo, esse é um processo lento e burocrático. Além disso, a utilização do banheiro compatível com a identidade de gênero das jovens foi outro desafio-identificado. Diante desse cenário, a autora aponta a necessidade de melhorias institucionais, sobretudo na definição de protocolos específicos para o reconhecimento do nome social. Ela propõe, ainda, a realização de campanhas educativas voltadas à sensibilização da comunidade acadêmica, de modo a garantir o tratamento das jovens transvestigêneres pelo nome social e o acesso aos banheiros correspondentes à sua identidade de gênero.

Silva (2023), em sua dissertação, aponta que a permanência de pessoas transvestigêneres no ensino superior depende de condições socioeconômicas e da superação de dinâmicas cisnormativas que se apresentam no território acadêmico. Nesse sentido, é imprescindível a articulação de políticas de ação afirmativa, programas de assistência estudantil e iniciativas de reconhecimento para evitar a evasão e garantir o acesso à educação. Além disso, o autor ressalta a relevância das mobilizações em torno das lutas transvestigêneres para a construção de espaços de acolhimento e de pertencimento.

Em sua dissertação, Rosa (2020), a partir de estudos na Universidade Federal da Integração Latino-Americana, observou que, mesmo a instituição apresentando caráter integrador, práticas transfóbicas ainda são observadas. Diante disso, a autora destacou a urgência na implantação de políticas públicas que favoreçam a entrada de pessoas trans na universidade, mas que também combatam a transfobia, promovendo um espaço acolhedor.

Barcellos Neto (2020), ao investigar a inserção e permanência de trans em instituições públicas de ensino superior do litoral do Paraná, constatou que, embora existam iniciativas inovadoras referentes à diversidade, as universidades ainda necessitam de projetos mais eficazes quanto ao combate da LGBTfobia. Igualmente, Souza (2019) estudou a entrada e permanência de pessoas trans em instituições de ensino superior no Rio Grande do Norte, apontando para a urgência de políticas públicas mais abrangentes e práticas que não apenas assegurem a entrada, mas, sobretudo, a permanência.

Scote (2017) analisou as dificuldades de acesso e permanência de pessoas trans no ensino superior, destacando que o acesso foi facilitado pelo direito ao uso do nome social em instituições de ensino e no ENEM, pelas cotas para minorias raciais e de baixa renda, via SISU, pelas bolsas do PROUNI e pelos cursos preparatórios para pessoas trans. Apesar disso, existem desafios na permanência, como dificuldades para pagamento de mensalidades, acesso à moradia estudantil e às bolsas de auxílio, utilização de banheiros e despreparo de docentes e funcionários para lidar com as demandas específicas de pessoas trans.

Pereira e Sartori (2023), ao analisarem os efeitos ocasionados pela censura de cotas para pessoas transexuais e travestis no ensino superior, observaram que há uma tentativa de apagamento de pessoas trans nas universidades, o que reforça posturas heteronormativas e preconceituosas.

Ferrari, Bezerra e Castro (2020) constroem um histórico da campanha “Libera meu Xixi”, na Universidade Federal de Juiz de Fora. Mediante uma discussão sobre o uso de banheiros por pessoas trans e refletindo sobre o processo de democratização do ensino superior, os autores destacam que existe a necessidade de um debate que desnaturalize as noções binárias e cis-heteronormativas de gênero nesse espaço.

- **Redes de apoio e resistência coletiva**

As redes de apoio e os coletivos são mencionados como suportes de resistência e mudança no ensino superior. Em sua pesquisa, Araújo (2018) estudou sobre as resistências e a falta de acolhimento que abrangem os processos educativos na UFPI, sugerindo modos afirmativos de educar e valorizar a vida de estudantes travestis. A autora salienta que é preciso reinventar as universidades para incluir corpos dissidentes e reconfigurar práticas educativas.

Lima (2021a) investigou sobre como se formam identidades políticas entre pessoas travestis e trans em coletivos e programas de extensão, sobretudo, no TransEnem, em Porto Alegre, e no TransPassando, em Fortaleza. O autor concluiu que a educação é um instrumento de dignidade e resistência e que os coletivos são importantes para sintetizar as demandas de reconhecimento e inclusão.

A tese de Nascimento (2023) é uma cartografia dos desafios e das manobras de resistência vivenciadas pelas juventudes transvetigêneres em duas universidades públicas de Teresina-PI. A autora evidencia que essas jovens criam estratégias de resistência coletiva ao fortalecerem os vínculos afetivos entre si e ao se engajarem em coletivos sociais, o que contribui para sua permanência nas universidades e para o enfrentamento da transfobia.

De maneira semelhante, Silva (2023), ao investigar trajetórias e narrativas de pessoas transvestigêneres para permanecerem no ensino superior, ressalta que a construção de vínculos e a convivência com pares se configuram como ferramentas para suscitar um sentimento de pertencimento.

Duque (2022) analisa as ações do Impróprias - Grupo de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Diferenças (UFMS/CNPq) e seus impactos no campo educacional, no Mato Grosso do Sul. O autor identificou que, em um contexto onde a violência, a injustiça e a desigualdade estão presentes, o conhecimento disruptivo é importante para interpretar as diferenças de modo não binário e não essencialista.

O artigo de Hatje (2017) apresenta a criação do grupo Transformando Vidas, formado por estudantes universitários e do ensino básico e por professores da Universidade Federal do Rio Grande. Esse grupo fornece rede de apoio a pessoas trans, dando maior visibilidade a essas pessoas e contornando alguns obstáculos.

- **Experiências individuais e narrativas autobiográficas**

Alguns estudos apresentam narrativas biográficas, que são importantes para o entendimento das vivências de pessoas transvestigêneres no ensino superior. Henriques (2023) investiga vivências de acesso e permanência de uma estudante trans na Universidade Federal de Ouro Preto. Foi percebido que as políticas de acesso e aprimoramento das políticas de permanência devem ser ampliadas. Além disso, o autor percebeu carência no acolhimento e atendimento às pessoas transvestigêneres e destaca como a construção das subjetividades das estudantes se faz em um ambiente excludente e cisnormativo, sob o prisma da transfobia.

A pesquisa de Duarte (2023) estudou o significado do acesso ao ensino superior por pessoas transvestigêneres participantes do programa Transpassando, da Universidade Federal do Ceará. O

estudo indicou que adentrar no ensino superior não é apenas uma ascensão social, mas também é uma estratégia que visa transformar a cultura transfóbica e elitista que perscruta esse nível de ensino.

Oliveira (2020) investigou as relações que homens trans, estudantes de graduação e pós-graduação, realizam para garantir seu acesso e permanência no ensino superior. O autor pondera que a experiência acadêmica permite aos homens trans possibilidades de existências diversas, apesar da transfobia.

Em sua tese, Ribeiro (2019) analisou narrativas (auto)biográficas e as trajetórias de pessoas trans na educação, sobretudo, no ensino superior. O trabalho apontou para três eixos: trajetórias educacionais, que envolvem preconceitos e narrativas de resistência em escolas e universidades; espaços inabitáveis, aqueles marcados pela cisnormatividade, como banheiros e salas de aula, além do impedimento de usar o nome social; e estratégias de sobrevivência, que englobam condições de reconhecimento permitidas para integrar determinados espaços.

Na dissertação de Nascimento (2018) foram estudadas quatro histórias de vida de estudantes travestis e transexuais quanto ao acesso e permanência na Universidade Federal Fluminense. O estudo suscita uma compreensão mais solidária e integral das vivências trans no ensino superior, recomendando políticas inclusivas que promovam o respeito à diversidade e a dignidade dessas estudantes.

Polak (2016), mediante as narrativas de cinco participantes de sua pesquisa, identificou que as vivências de pessoas trans durante o seu processo de escolarização até a chegada ao ensino superior são marcadas por marginalização, resistências institucionais quanto ao uso do nome social e naturalização de uma lógica normativa, numa coerência entre sexo, gênero e sexualidade. No entanto, a chegada ao ensino superior é entendida como resultado de superações individuais face às exclusões sistêmicas.

O artigo de Rios (2022) estudou a trajetória acadêmica de uma estudante transexual da Universidade do Estado da Bahia quanto às políticas de inclusão. Os resultados apontaram que a política de cotas é relevante, porém, é preciso haver uma reestruturação no currículo dos cursos de graduação para incluir o estudo da diversidade sexual e de gênero.

Por fim, Silva, Silva e Castro (2021) apresentam três movimentos de pesquisa cujo foco se dá nas experiências de gêneros e sexualidades no ensino superior. Os autores sinalizam que experiências de gênero e sexualidades são vividas na academia, podendo a universidade se tornar um espaço formativo no qual a construção, o tensionamento e a negociação de sentidos de pertencimento podem ocorrer.

4 CONCLUSÃO

O artigo teve como propósito mapear a produção acadêmica dos últimos dez anos, a fim de identificar avanços e lacunas no que tange aos estudos sobre jovens transvestigêneres no ensino superior. Constatamos que existem avanços relacionados ao acesso e à permanência desses jovens no ensino superior, como o uso do nome social e ações afirmativas, a exemplo das cotas. No entanto, tais práticas institucionais mostram-se insuficientes, uma vez que, em geral, não são acompanhadas de estratégias de enfrentamento das violências estruturais e simbólicas que nos acometem, como a transfobia.

Entre as principais lacunas, evidenciamos a necessidade de pesquisas cujo foco seja o acolhimento institucional como mecanismo de enfrentamento da transfobia e de promoção da permanência estudantil. Além disso, é preciso um olhar interseccional que contemple as experiências de jovens transvestigêneres em suas diversas dimensões sociais e identitárias, levando em consideração marcadores de raça, classe, regionalidade, dentre outros.

Notamos que as pesquisas, em sua maioria, são de natureza qualitativa e têm como aporte teórico o transfeminismo e os estudos queer. No entanto, não identificamos nenhuma pesquisa que tenha usado outras perspectivas metodológicas, como a Sociopoética, que permite um estudo em coletividade e com o corpo todo. Ademais, as categorias jovens e juventudes pouco são discutidas nos trabalhos, sendo identificadas com maior expressividade nos estudos de Araújo (2018) e Nascimento (2023).

Percebemos que é urgente a ampliação de políticas públicas que abarquem desde a formação antitransfóbica para docentes e demais servidores até a institucionalização de redes de apoio e acolhimento. É necessária, ainda, a criação de espaços no ensino superior para a escuta sensível das demandas desses jovens. Acreditamos que, com isso, o ensino superior poderá mitigar práticas violentas e excludentes, consolidando-se como um ambiente genuinamente acolhedor e pertencente a todas as pessoas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Samuel Moreira de. **As trajetórias escolares de homens trans: da educação básica ao ensino superior**. Dissertação (Mestrado em Educação). 175 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021.

ARAÚJO, Valdenia Pinto de Sampaio. **Um corpo potente fazendo das dores possibilidades de asas: TRANSformando os modos de educar e de resistência na Universidade**. Tese (Doutorado em Educação). 127 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal do Piauí, 2018.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Nota da Antra sobre cotas e reservas de vagas em universidades destinadas às pessoas trans**, 2020. Disponível em: <https://antrabrazil.org/2020/12/17/nota-antra-cotas-universidades-pessoas-trans/>. Acesso em: 16 jan. 2025.

BARCELLOS NETO, Ítalo Pereira. **Um estudo sobre as políticas de ações afirmativas: a inserção e permanência de pessoas trans nas instituições públicas de ensino superior do litoral do Paraná**. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade). 162 f. Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná, 2020.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023**. Brasília: Distrito Drag; ANTRA, 2024. Disponível em: <https://antrabrazil.org/wp-content/uploads/2024/01/dossieantra2024-web.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2025.

BRITO, Camila Pina. **“Já é negro e ainda quer ser travesti?” – experiências trans de mulheres negras**. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade). 128 f. Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, Órgão de Educação e Relações Étnicas, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016.

CÍRICO, Juh. **Vozes da resistência: vivências de pessoas transgêneras e travestis na contabilidade brasileira**. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis). 155 f. Programa de Pós-graduação em Ciências Contábeis, Universidade Federal de Uberlândia, 2024.

CORREA, Crishna Mirella de Andrade. **Subjetividades em trânsito: nome social, travestilidades e transexualidades em duas universidades públicas do sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

DUARTE, Jessyca Barbosa. **Transpassando os limites da educação: os significados do acesso ao ensino superior para travestis e pessoas transgêneras**. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). 194 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, 2023.

DUQUE, Tiago. "Eu sou bugre": gênero, sexualidade e diferenças nas fronteiras da/na universidade. **Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 10, n. 1, p. 83-108, 2022. DOI: <https://doi.org/10.14295/de.v10i1.14315>. Acesso em: 15 jan. 2025.

FERRARI, Anderson; BEZERRA, Carolina dos Santos; CASTRO, Roney Polato de. Tensões e enfrentamentos na campanha 'Libera meu Xixi' e a presença de pessoas trans na universidade.

Diversidade e Educação, Rio Grande, v. 8, n. 2, p. 21-45, jul./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.14295/de.v8i2.12049>. Acesso em: 15 jan. 2025.

GOMES, Emanuela Carolina Petry. **Pessoas transexuais e travestis nas universidades**: o acesso ao ensino superior na UNIVATES. Artigo de conclusão de Curso (Bacharelado em Direito). 29 f. Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, 2024.

HATJE, Luis Felipe. Transformando vidas: um relato de experiência da construção de um grupo de pessoas trans. **Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 5, n.1, p. 57-64, jan./jun. 2017. DOI: <https://doi.org/10.14295/de.v5i1.7387>. Acesso em: 15 jan. 2025.

HENRIQUES, Leandro Andrade. **Narrativa de uma trans universitária**: experiências de acesso e permanência na Universidade Federal de Ouro Preto. Dissertação (Mestrado em Educação). 105 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, 2023.

LIMA, Alef de Oliveira. A ignorância cisheteronormativa. **Bagoas - Estudos Gays: gênero e sexualidades**, Natal, v. 14, n. 22, p. 155-174, 2021b. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/22354>. Acesso em: 15 jan. 2025.

LIMA, Alef de Oliveira. **Sob o prefixo trans**: etnografia, transgeneridade e educação em coletivos políticos e programas de extensão. Tese (Doutorado em Antropologia Social). 182 f. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021a.

LIMA, Tatiane da Silva. **O acesso de transexuais e travestis à educação superior**. Tese (Doutorado em Educação). 193 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2023.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Modos de educar entre jovens transvestigêneres na universidade**: cartografias desejanter. Tese (Doutorado em Educação). 96 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal do Piauí, 2023.

NASCIMENTO, Priscilla de Souza. **Estudantes transexuais e travestis, acessibilidade, direitos e formação na universidade federal fluminense**. Dissertação (Mestrado em Administração Pública). 98 f. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento, Universidade Federal Fluminense, 2018.

OLIVEIRA, André Lucas Guerreiro. **"A educação é uma catapulta para a liberdade"**: acesso e permanência de homens trans em instituições de ensino superior. Tese (Doutorado em Educação). 143 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, 2020.

PEREIRA, Bruno Gomes; SARTORI, Thiago Luiz. Eu não vou me calar: suspensão de cotas para pessoas trans no ensino superior e o silenciamento das discussões sobre gênero. **Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 11, n. 1, p. 986-1004, 2023. DOI: <https://doi.org/10.14295/de.v11i1.15244>. Acesso em: 15 jan. 2025.

PEREIRA, Bruno Gomes; SARTORI, Thiago Luiz. Violência transfóbica na universidade: lacunas nas políticas públicas de acesso e permanência no ensino superior. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 10, n. 2, p. 20-32, 2024. DOI: <https://doi.org/10.17564/2316-3801.2024v12n2p20-32>. Acesso em: 15 jan. 2025.

PEREIRA, Marlyson Junio Alvarenga. **Mulheres trans universitárias**: a emergência de políticas públicas para a inserção e permanência de travestis e transexuais no universo acadêmico. Tese (Doutorado em Educação). 196 f. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2020.

POLAK, Roberta. “**Notas**” de uma vida: vivências trans* em instituições de ensino. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Comunitário). 154 f. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2016.

RIBEIRO, Izaque Machado. **Cidadanias precárias**: sujeitos trans e educação. Tese (Doutorado em Educação). 169 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, 2019.

RIBEIRO, Luana Fonseca Pereira. **O aprimoramento das políticas institucionais para a garantia do acesso e da permanência das pessoas trans na UFJF**. Dissertação (Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública). 144 f. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2020.

RIOS, Pedro Paulo Souza. Reflexões a partir da trajetória acadêmica de uma mulher trans e as políticas de acesso e permanência de travestis e transexuais na Universidade do Estado da Bahia. **Revista Labor**, Fortaleza, v. 1, n. 27, p. 89–109, 2022. DOI: 10.29148/labor.v1i27.78692. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/78692>. Acesso em: 15 jan. 2025.

ROCHA, Fabio Gomes; NASCIMENTO, Bruno Alves Reis; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas Boas Carvalho do. Um modelo de mapeamento sistemático para a educação. **Cadernos da FUCAMP**, Monte Carmelo, v. 17, n. 29, p. 01-06, 2018. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/1180>. Acesso em: 16 jan. 2025.

ROSA, Karen Susan Silva Pitinga da. **Políticas Públicas para a inserção e permanência de travestis e transexuais no ensino superior**: um estudo de caso da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Direitos e outras legitimidades). 135 f. Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e outras legitimidades, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2020.

SANTOS, Adelaine Ellis Carbonar dos. **Vivências transmasculinas em espaços educacionais de nível superior do sul do Brasil e a multiplicidade espacial**. Tese (Doutorado em Geografia). 283 f. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2020.

SCOTE, Fausto Delphino. **Será que temos mesmo direitos à Universidade? O desafio do acesso e a permanência de pessoas transexuais no ensino superior**. Dissertação (Mestrado em Educação). 152 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2017.

SILVA, Apolônia de J. Ferreira; SILVA, Cibelle Cristina Lopes e; CASTRO, Roney Polato de. Constituindo subjetividades no ensino superior: processos formativos, gêneros e sexualidades. **Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 9, n. Especial, p. 205-230, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14295/de.v9iEspecial.12648>. Acesso em: 15 jan. 2025.

SILVA, Charlie Bellow de Oliveira Pimentel. **Permanência de pessoas não binárias e transexuais no ensino superior**: um debate sobre as políticas públicas. Dissertação (Mestrado em Educação). 115 f. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, 2023.

SILVA, Edna Carvalho da. **A transfobia e suas implicações na permanência e afirmação da identidade de gênero de estudantes travestis e transexuais, da graduação, na Universidade Federal do Paraná**. Dissertação (Mestrado em Educação). 151 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, 2022.

SILVA, Rosilaine Cristina. **(Trans)formando no ensino superior**: trajetórias de estudantes Travestis e Transexuais na Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação (Mestrado em Educação). 172 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, 2022.

SOUZA, Emilly Mel Fernandes de. **(Trans)passando os muros do preconceito e adentrando a universidade**: uma análise das políticas para pessoas trans* dentro das instituições públicas de ensino superior do Rio Grande do Norte. Dissertação (Mestrado em Psicologia). 171 f. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019.

YORK, Sara Wagner. **Tia, você é homem? Trans da/na educação: des(a)fiando e ocupando os "cistemas" de Pós-Graduação**. Dissertação (Mestrado em Educação). 185 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação e Humanidades, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020.